

Economia dá sinais de reação e começa a sair do fundo do poço

MARIZA LOUVEN

O agricultor Edson Piegas está produzindo este ano 25 mil sacas de arroz em Itaqui, no Rio Grande do Sul, 50% mais do que no ano passado. A safra foi boa, e sua venda vai melhorar a vida de Piegas. Mas não a ponto de criar nele qualquer tipo de euforia consumista.

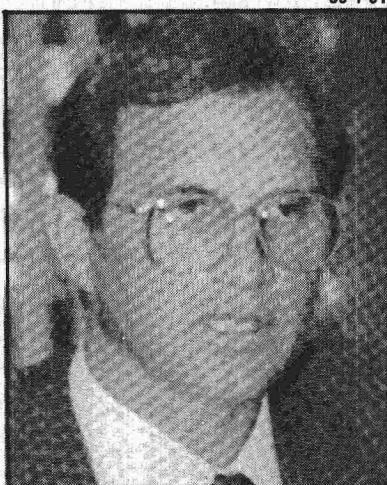
— Na recessão em que o país se encontra, é preciso muita cautela — diz.

Como Piegas, os agricultores vão começar a gastar o que ganharam com a safra, impulsionando lentamente a retomada da economia. Esses sinais vindos do campo, bem como o de outros setores voltados para a exportação, ainda são tímidos, mas indicam que o pior da recessão já passou.

— A gente só sabe que chegou ao fundo do poço quando olha para trás e vê que está fora dele. No momento, o que há é mais chances de isso acontecer: 9 em cada 10 — afirma o vice-presidente da Sadia, Luiz Eduardo Furlan.

A Sadia, sediada em São Paulo, é uma das que, apesar de ter como principal alvo o mercado interno, vai aumentar as exportações este ano para cerca de 20% do faturamento (US\$ 1,8 bilhão no ano passado).

Muitas empresas estão partindo para a exportação como forma de garantir a produção. A previsão da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB) prevê para este ano 10% de aumento das exportações, que passariam dos US\$ 31,6 bilhões do ano passado para US\$ 35 bilhões.



Furlan: meta é aumentar exportação



Levacov: evitando fazer demissões

A Inega, do Rio, nos últimos anos vinha exportando cerca de 20% da produção, de aproximadamente 1.700 mil peças por ano. Mas a meta, para o primeiro semestre deste ano, é colocar 600 mil peças no mercado externo, ou seja, 70% do total.

— A exportação de manufaturados, cuja produção depende de um maior contingente de mão-de-obra, é uma saída imediata para contornar a queda nas vendas no mercado interno — afirma o Diretor de Marketing da Inega, Roberto Levacov.

— Com o aumento das exportações, evitamos fazer demissões na Inega, que tem mil empregados — acrescenta ele.

Até dezembro do ano passado, quem era demitido da Idma SA Indústrias Plásticas, também do Rio, não era substituído. Mas a empresa conseguiu vender, no primeiro bimestre deste ano, mais 20% do que nos últimos dois meses de 1991 e agora afasta a possibilidade de novas demissões, informa seu presidente,

Isaac Laniado. A empresa tem 800 empregados.

O nível de ociosidade na economia ainda é, porém, elevado. Por isso, a previsão é de que novos investimentos em expansão, assim como aumento da oferta de empregos, só ocorrerá com a volta do crescimento.

— Estamos com uma carteira de pedidos equivalente a 10 dias de trabalho. E bem melhor do que a de dezembro, equivalente a dois dias. Mas se a economia estivesse a pleno vapor, teríamos pedidos para 25, 30 dias — acrescenta Roberto Nicolau Jéha, presidente da Indústrias de Papel e Papelão São Roberto, localizada em São Paulo.

Jéha, que também é da diretoria da Federação das Indústrias de São Paulo, vê com muita cautela os sinais de reversão da crise.

— É melhor esperar mais um pouco para tirar conclusões. Afinal, gato escaldado tem medo de água fria — afirma.